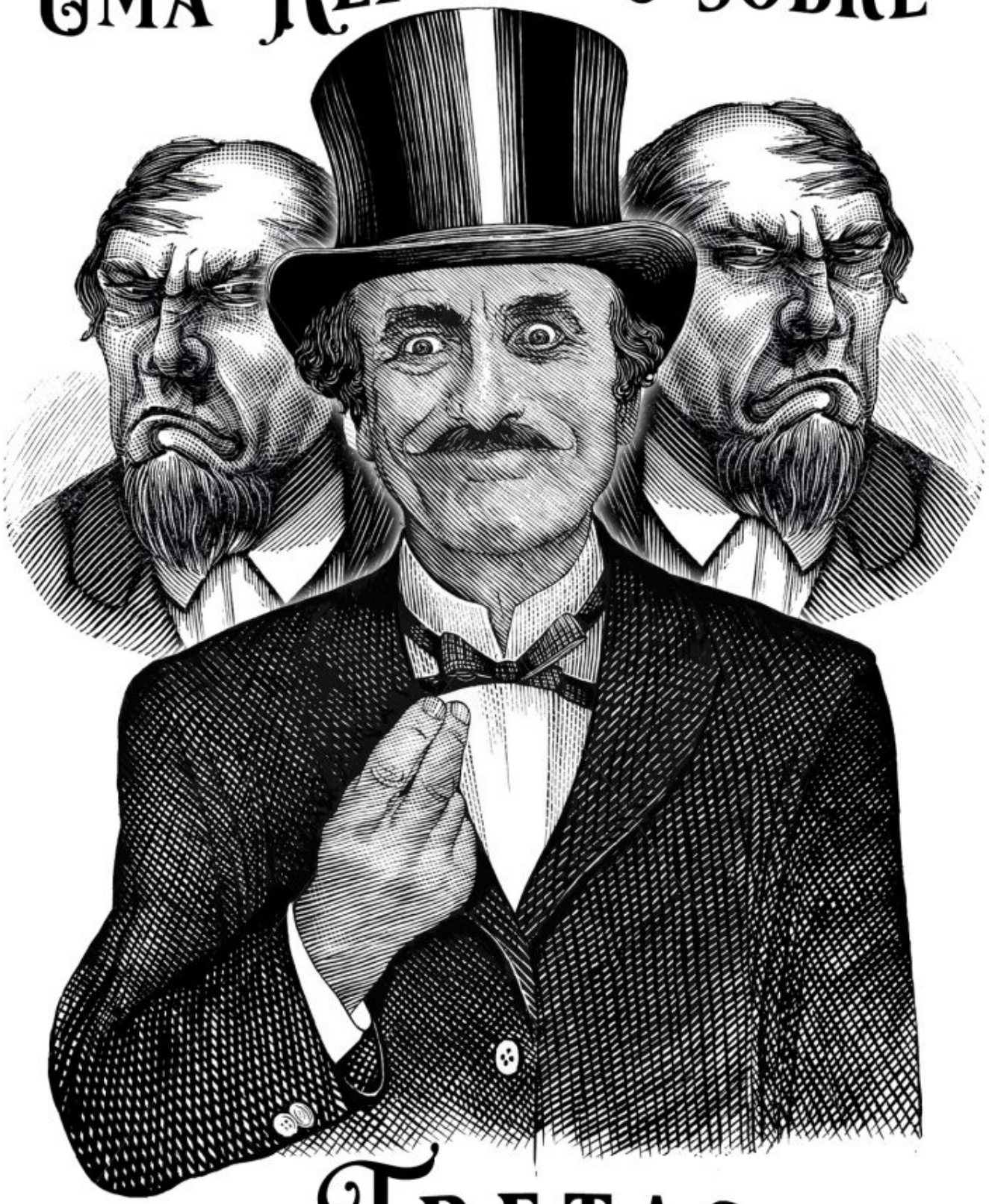
Uma Reflexão sobre Tretas

Uma Reflexão sobre



Tretas

Tretas, tretas e mais tretas. Aqui vemos o resumo do convívio nas redes sociais, e isso não tem sido diferente no meio dos grupos de cachimbeiros.

Não acredito que todos cachimbeiros devam ter aquele estilo *old school* em que a pessoa se vista com calça social, camisa, paletó, colete, use relógio de bolso, chapéu e por aí vai—nada contra quem se veste assim, acho muito legal, por sinal. Ah! um abraço, meu caro Edinaldo! Geralmente quem adota esse estilo em nosso meio tende a ter uma personalidade mais educada, gentil e respeitosa para com os confrades—pelo menos é assim nos grupos. E aqui é o ponto onde quero abordar: ter respeito com as opiniões adversas.

Nacional versus importado, Método x versus método y e mais algumas tretas que estão sempre rondando os grupos, esperando tocar no calo de um impaciente. As coisas só tendem a continuar do mesmo jeito caso as pessoas não pararem de levar tudo para o lado pessoal. Aprendam, caros polêmicos, criar polêmica não é ruim, é até bom! Ruim é não discutir a ideia em si, mas levar a discussão para o lado pessoal. Deixe-me explicar: as tretas têm ocorrido porque não estamos conversando sobre ideias, mas sobre as pessoas que expuseram tal ideia. É preciso deixar a paixão de lado e não ser um daqueles que para a conversa virar uma briga basta uma palavra-gatilho. O segredo para uma conversa entre cavalheiros não se tornar uma briga de boteco é a seguinte: mire na ideia e, caso você discorde muito dela, odeie-a, mas tenha na outra pessoa um respeito inquebrável—obviamente existem coisas em que você deverá mandar a pessoa pastar e largar de mão, mas nunca vi alguém no nosso meio ter uma ideia em que seria necessário fazer isso.

Deixe-me dar um exemplo prático de uma palavra-gatilho nos arraiais cachimbistas: nacional. Quando a pessoa vê esta palavra, vai para a ofensiva, e basta falar uma única vez que não gostou de um cachimbo nacional, que os seus ânimos explodem e começa a ver um Hitler onde se tem apenas um velho rabugento.

A minha experiência com cachimbos nacionais é pequena, confesso, mas vou discorrer um pouco sobre isso. Os cachimbos nacionais são ruins? Não, pelo menos em parte. Meu primeiro cachimbo foi um *bent billiard* de imbuia da Bazzanelli e, sinceramente, gostei muito dele. Acredito que ele já cumpriu o seu propósito comigo, mas me satisfez quando iniciei. Ainda quero comprar um Bazzanelli e um Bertoldi de briar para experimentar e poder dar minha opinião própria sobre os mesmos—e farei com todo o

respeito para com os fabricantes e para os leitores, sem deixar de falar a verdade. Falando em respeito, obviamente, quando estamos falando de produtos nacionais, não podemos esquecer que, em alguns casos, os fabricantes estarão em nosso meio, e isso exige que tenhamos um maior cuidado em emitir nossa crítica—seja ela positiva ou negativa—de uma forma em que ele, o fabricante, tenha satisfação em lê-la e, caso tenha opinião desfavorável, possa analisar e melhorar, se for o caso. Mas nossa crítica, também, nunca deve deixar de ser honesta.

Viver em comunidade requer esforço de todos, dos que criticam, para criticar com humildade e dos que são criticados, para receberem as críticas com mente aberta e a assim poder julgar racionalmente se a crítica tem fundamento ou não.

Em fim, cachimbeiros(as), tenham sempre o mesmo espírito de quando estamos em um encontro presencial—não há relato de nenhuma briga até onde sei e as discussões são saudáveis. Seguindo essas dicas, as tretas chatas serão extinguidas e vamos poder discutir sem problema algum.